

A UNIVERSIDADE E A INOVAÇÃO

Por característica inerente a seus objetivos, a universidade deve ser um centro de inovação, daí sua função de fazer pesquisa, e assim contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Essa característica é uma consequência direta do ambiente de liberdade e meritocracia que deve existir na universidade. É baseando-se nesse propósito que a agência Reuters elabora o *ranking* das universidades mais inovadoras.

Pela segunda vez consecutiva a Universidade de Leuven, na Bélgica, superou grandes centros tecnológicos de capitais como Londres, Paris e Berlim e se manteve no topo do *ranking* das 100 universidades mais inovadoras da Europa. A lista é feita segundo critérios como número de patentes depositadas e indicadores de citação de artigos.

Fundada em 1425 pela Igreja Católica, a Universidade de Leuven é reconhecida atualmente como uma das principais instituições científicas do mundo. Em 2015, os gastos com pesquisas ultrapassaram os 450 milhões de euros e seu portfólio 586 famílias de patentes ativas, cada uma delas representando uma tecnologia protegida em vários países.

Em segundo e terceiro lugar no *ranking* estão instituições do Reino Unido: o Imperial College London e a Universidade de Cambridge, respectivamente. Há 23 universidades alemãs entre as 100 instituições na lista, mais do que qualquer outro país. O Reino Unido vem em segundo lugar, empatado com a França, cada um com 17 universidades. O ranking pode ser acessado em bit.ly/Top100UEInova.

É de se perguntar, como estará o Brasil em um ranking desse nível? A universidade brasileira apresenta estrutura que a dificulta participar desse *ranking* em condição de obter sucesso. Elas são bastante “engessadas” pelo sistema da estabilidade no emprego, não valorizar a mérito profissional, e estar atrelada ao corporativismo sindicalista. Com destaque internacional tem-se a Universidade de São Paulo (USP), que apresenta diferenças estruturais e operacionais quando comparada às universidades federais.

A sociedade brasileira terá que avançar no entendimento e na prática do liberalismo político e econômico para que possa ter suas universidades em condições de darem maiores contribuições às inovações, ou seja, quando então deixarão de serem muito mais repartições públicas, e se tronarem acadêmicas na verdadeira concepção do termo. Para tanto, a sociedade brasileira terá que não mais aceitar que o Estado

continue a se comportar como o importante e imprescindível agente do desenvolvimento. Parece que no atual momento da vida nacional a sociedade está começando a entender essa questão, de modo a colocar o Estado em suas funções precípuas e insubstituíveis